



A galinha negra (conto cigano)

Era uma vez um valoroso cigano chamado Calo Dan que matara um dragão e salvara uma princesa que era sua prisioneira. Como recompensa, o rei dera-lhe uma arca cheia de moedas de ouro, fazendo dele um homem muito rico.

Um dia, a mãe chamou-o e disse-lhe:

-Meu filho, tens muito dinheiro, mas um homem só é rico quando tem uma família. Está na hora de procurares uma boa rapariga que queira casar contigo. Se aqui nenhuma te agrada, faz-te ao caminho e procura em todos os acampamentos ciganos. Não precisa de ser rica, assegura-te antes que seja boa rapariga.

Calo assim fez, deixando o acampamento onde vivia com a mãe. Percorreu montes e vales, visitou aldeias e acampamentos, mas não havia meio de encontrar uma rapariga que lhe agradasse. Já cansado daquela vida errante, decidiu que a aldeia seguinte seria a última que visitaria. Perdera a fé na busca, mas não queria desistir antes de ter chegado ao limite das suas forças.

Nesse último dia, levantou-se ao raiar da aurora, enrolou a manta que o aquecera durante a noite e avançou resolutamente na direção de um pequeno povoado que assim, visto de longe, mais parecia um pontinho perdido no horizonte. À medida que se aproximava, reparou que nunca antes visitara um acampamento tão pobre como aquele. Aproximou-se de uma tenda e ficou espantado ao ver a delicada beleza de uma rapariga. Era uma linda cigana de olhos negros como o carvão e longos cabelos ondulados que lhe desciam até à cintura.

A rapariga estava a pôr a mesa, quando se voltou e viu Calo. Deu logo meia volta, entrou na tenda e desapareceu na escuridão. Calo chamou-a e foi atrás dela. Nesse momento, saiu de lá de dentro uma galinha negra a correr. Calo continuou à procura da rapariga, mas ela desaparecera como que por encanto.

Passado algum tempo, um homem e uma mulher aproximaram-se da barraca e, ao verem Calo ali especado, saudaram-no e convidaram-no para almoçar.

Enquanto comiam o belo cozido que a mulher servira, Calo encheu-se de coragem e perguntou:

- A vossa filha não almoça connosco?
- Filha? – espantaram-se eles. – Não temos filha nenhuma!

Calo insistiu:

- Quem era então aquela bela moça que punha a mesa quando eu cheguei?

Responderam-lhe que não sabiam a quem ele se referia e, temendo que os seus anfitriões pensassem que era maluco, Calo apressou-se a mudar de assunto. A conversa prolongou-se pela tarde fora e, ao entardecer, o casal convidou Calo a passar ali a noite. Este aceitou, por um lado, para agradecer a hospitalidade do casal e, por outro, porque sabia bem o que vira e queria a todo o custo descobrir o mistério que rodeava a bela rapariga. À noite, acenderam uma fogueira e ali ficaram contando histórias, tocando e cantando, enquanto as chamas bailavam.

A certa altura, já cansados, recolheram-se. O casal depressa adormeceu, mas Calo não conseguia dormir com a cabeça cheia de tudo o que vivera naquele dia. De repente, ouviu um barulho que vinha do exterior. Sem fazer ruído, levantou-se e avançou pé ante pé até à entrada da tenda. Para sua grande alegria, ali estava de novo a moça, a comer o que sobrava do almoço deles. Cheio de felicidade, sem pensar, Calo acercou-se dela e agarrou-lhe a mão.

- Larga-me – implorou a rapariga.

Sem a largar, Calo pediu-a em casamento.

- Não posso aceitar o teu pedido – respondeu ela com uma expressão de tristeza nos seus belos olhos negros.

- Não podes ou não queres? – perguntou Calo inconformado com a resposta.

A rapariga explicou-lhe então que era vítima de uma maldição imposta por um feiticeiro que a pedira em casamento e que ela rejeitara.

- O feitiço – explicou ela – faz com que eu só tenha a forma humana ao meio-dia e à meia-noite e só durante uma hora. O resto do tempo sou uma galinha negra. O feitiço só se quebrará no dia em que um homem bom me levar ao altar na forma de galinha.

- Eu farei isso! – exclamou Calo enamorado.

A noite passou e, na manhã seguinte, Calo comprou a galinha ao casal. De regresso à sua terra, antes mesmo de cumprimentar a mãe, Calo foi à igreja e pediu ao padre que o casasse com a galinha negra. A princípio, o padre pensou que o rapaz estava maluco, mas ao ver a sua insistência, acabou por marcar o casamento para daí a três dias.

Quando Calo chegou a casa e apresentou a noiva à mãe, esta começou a chorar e a lamentar-se:

- Ai o meu pobre filho! Para que o mandei partir? Tanto andou em vão que enlouqueceu! Pois não vês tu, meu filho, que a tua noiva é uma galinha? Onde é que já se viu tal coisa?

De nada adiantaram os protestos e rogos da mãe nem a troça dos vizinhos. Calo estava decidido e, nos três dias que se seguiram, teve o cuidado de nunca perder a noiva de vista, não fosse a mãe cozinhá-la de cabidela.

No dia da boda, toda a gente do acampamento se foi plantar diante da igreja. Ninguém queria perder a cerimónia. O padre ainda pensou que o rapaz talvez não aparecesse mas, à hora marcada, lá veio Calo com a galinha debaixo do braço. O povo ria tanto que o padre teve de intervir para restabelecer o silêncio.

A cerimónia começou e, quando o padre perguntou a Calo se este aceitava a galinha como sua esposa e o rapaz respondeu que sim, a galinha transformou-se na bela rapariga que ele encontrara no acampamento.

Toda a gente ficou de boca aberta, compreendendo que se tratava de um casamento de amor. Os festejos prolongaram-se por uma semana com cantos, danças, histórias e grandes banquetes.

E Calo e a noiva viveram felizes para sempre.

“A galinha negra” in *Contos e lendas de Portugal e do mundo*, Seleção, adaptação e reconto de João Pedro Mésseder e Isabel Ramalhete, Porto Editora, pp. 43-47.